

Revisão Histórica da Prática Psicanalítica: de Freud até nossos dias

Artigo

Alexandre Kahtalian

Membro efetivo e Analista didata da
Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro.

Resumo: Este trabalho aborda em conjunto uma revisão histórica sobre a prática analítica levando em consideração a existência de idéias que podem ser conectadas a determinados paradigmas que foram estabelecidos desde Freud até os dias atuais no desenvolvimento da Psicanálise. As observações sobre as diversas teorias propostas permitem admitir a vinculação a um processo de sistema subjetivo como o natural “common grounds” da prática analítica que vem sendo proposto pelos intersubjetivistas. Algumas considerações são discutidas sobre a prática atual.

Palavras-chave: História da Psicanálise. Intersubjetividade. Paradigma.

1 Introdução

Desde Freud, com sua monumental obra, é possível distinguir que, no movimento psicanalítico (entendido como movimento de idéias), tanto a teoria como a prática psicanalítica evoluíram ao longo da História Cultural do Ocidente com padrões significativos de suas épocas. Tais padrões, pode-se dizer, constituíram-se paradigmas de conhecimento da experiência de praticar a Psicanálise. A questão paradigmática é central para as teorias da natureza (teoria newtoniana *versus* teoria quântica, etc.) e creio também para as ciências do espírito ou da Cultura (Dilthey, Muniz Resende). Vivemos em uma época que vem sendo cunhada como Sociedade do Espetáculo, de acordo com Guy Delorde (1966), em que a razão e os valores do Iluminismo convivem precariamente na nossa comunidade ocidental. A questão da visibilidade, da velocidade e da produtividade mercadológica determinou novos padrões de conhecimento, de comportamento, de inclusão/exclusão social. Um mundo globalizado, digitalizado,

propiciando crises econômicas, como a que vivemos recentemente. A Cultura do Narcisismo, como diz Lasch (1978).

A Psicanálise não escapa dessa acima modesta inserção. Pela Filosofia do Conhecimento, os objetos que estudamos são os seres da cultura e, ao longo da História, podemos observar as polêmicas entre novas posturas e posturas antigas, trazidas no bojo de novas descobertas pelos autores que criaram escolas e ampliaram o universo do Inconsciente Dinâmico, criado por Freud no alvorecer do século XX. Vou me deter somente nessa apreciação sobre a questão da relação do sujeito com o objeto, que sempre se assentou na Intersubjetividade como foco do trabalho clínico desde a fundação da Psicanálise em sua prática clínica. Embora não enunciada, a intersubjetividade está presente nos trabalhos clínicos de Freud. Ele também tem uma teoria de objetos que, a partir dos anos 40, portanto após a sua morte, foram produzidas para garantir a expansão das descobertas fundamentais da psicanálise. Vejamos os paradigmas desde os primeiros tempos até os dias de hoje.

Os primeiros analistas, com a descoberta do Inconsciente Dinâmico, priorizavam a procura do material inconsciente como o foco a ser realizado com os pacientes que procuravam tratamento analítico. O analista era uma espécie de Sherlock Holmes à caça do material inconsciente: o ato falho, o chiste, o sonho, a representação sintomática. Procurar o latente e levantar a barreira da repressão, via resistência, era a meta a ser alcançada.

O segundo paradigma da prática psicanalítica aparece com os trabalhos de O Ego e o Id e com a descoberta dos mecanismos de defesa. O Ego passa a ser o ator principal na cena psicanalítica. O foco era libertá-lo do Id, do Superego tirânico, e como consequência natural obter uma área livre de conflitos. Assim, o Ego e suas transformações eram as fontes de trabalhos da prática psicanalítica nos trabalhos de Hartmann, Kris, Loewenstein e de diversos colaboradores, como Anna Freud e outros da chamada Psicologia do Ego.

O terceiro paradigma viria com os teóricos das Relações de Objeto, a partir da obra de M. Klein e seus colaboradores, ao trabalharem com os achados da psicanálise de crianças. É neste momento que surgem D. Fairbairn, Winnicott, Guntrip, entre outros, a partir da década de 40. Nos EUA, apa-

recem Sullivan e a Escola de Washington, e muitos outros. Pregava-se uma prática de mediação dos bons e maus objetos introjetados da mente. A homeostase e a necessidade de integrar tais objetos no relacionamento com as pessoas era o alvo pretendido. Boa análise era a que conduzisse o paciente a estruturar uma relação de objeto satisfatória no mundo exterior, assim como encontrar um bom objeto para viver com ele.

O quarto paradigma, pode-se dizer, já o estamos vivendo. Nele o *Self*, o sentido e o sentimento de ser colocam o narcisismo e suas vicissitudes no centro de nossas atenções. Há uma babel teórico-clínica para lidar com os pacientes atuais mais graves, com comprometimento de funções mentais, distúrbios afetivos severos, distúrbios de gênero, doenças psicossomáticas, desordens narcísicas da personalidade, traumas, perversões, distúrbios alimentares. Pacientes de natureza esquizo-afetivo à procura do sentimento de ser: ser visto e compreendido, bem como a própria *demanda*, constituem a motivação da procura analítica, e não mais o sintoma, como outrora ocorria. É dessa perspectiva que autores como Bion, Green, Kohut, Ogden, Ferro, Stolorow têm enfrentado o desafio de novas propostas e perspectivas para dar respostas de maior eficiência na condução clínica.

Nesse contexto, acredito que já fomos alertados por Wallerstein em 1987, quando este questionou o *terreno comum* que distingue a Psicanálise de outras Psicologias – terreno que, ao meu ver, tem relação com o estudo da Intersubjetividade. Ela está presente em todas as nossas teorias e com nomes diversos que constituem o arcabouço teórico que estudamos: contratransferência, identificação projetiva, introjeção, espaço transicional, contextualismo, relação de objetos, teoria relacional, estudo de campo, etc. A partir dos anos 70, surge o movimento lacaniano, que propôs a releitura da obra freudiana, com aportes teóricos e modificações na técnica analítica – que não serão expandidos aqui.

Penso que, debaixo desse vértice e embora exercida desde o início por gerações de psicanalistas, só recentemente se articularam no estudo dessa proposição de inserir a intersubjetividade como um processo no sistema transferência-contratransferência. Acredito que dois mitos ainda persistem, dificultando o estudo mais aprofundado dessa proposição.

1.1 O mito da mente isolada

É possível pensar que muitas teorias psicanalíticas tentaram absolutizar e universalizar seus achados (Édipo, Separação-Individualização, Esquizo-paranoide-Depressivo, Idealização-Especularização) porque o foco da investigação psicanalítica tem quase sempre (há exceções) colocado no sujeito investigado o mito da mente isolada do indivíduo (STOLOROW R; ATWOOD, 2002). Por este mito, o que é intrapsíquico é exclusivamente visto como um cérebro doente, com disfunções bioquímicas e neuronais. A disfunção psíquica é fruto somente do produzido pelo paciente. É como se disséssemos que um curto circuito cerebral ou o bloqueio em neurotransmissores fossem desencadeadores de conflitos na experiência da Realidade, em que o que é intersubjetivo fica secundarizado e pouco expressivo. É preciso, porém, acentuar que o conceito de Realidade Psíquica persiste por si só, como acentua Hanly, diferentemente de sua apreensão pelo observador.

A fenomenologia da experiência do sujeito é apenas a tela do acontecer psíquico, e podemos remontar isso ao “Projeto” de Freud, que tem hoje nas Neurociências o seu sopro renovador. Os laboratórios farmacêuticos se deliciam com isto (TOC, Doença do Pânico, Fobia Social, TEPT, etc.) e apostam muito nessa psicanálise. Nada mais velho, nada mais novo. O terapeuta é o maestro dessa orquestração da Mente isolada do indivíduo, em que tudo acontece, menos na intersubjetividade, ou seja, o analista permanece fora do processo analítico. A contratransferência, por conseguinte, eventualmente aparece. Sucesso é a aliança terapêutica; o fracasso, a reação terapêutica negativa. Sucesso ou fracasso só dependem do paciente.

Penso que as teorias liberadas desse mito podem oferecer novos caminhos e renovar a literatura psicanalítica corrente. Colocar o foco da investigação psicanalítica na mente do analisando, e não no par analítico, desfaz o enlace intersubjetivo como algo criativo, renovador e prazeroso da experiência de analisar. Somos contextualizados intersubjetivamente e é o que podemos conhecer da experiência da análise.

1.2 O mito da neutralidade científica

Acredita-se, no campo da prática analítica, que é possível permanecer em estado de objetividade ao examinar a subjetividade dos pacientes em análise. Tal hipótese teórica embala-se nos conceitos de Freud da tradicional metáfora arqueológica das camadas da mente, as quais o terapeuta resgataria pelo processo de análise, por meio da ação interpretativa. Se tomarmos a Psicanálise como ciência hermenêutica, fundada no campo da intersubjetividade, essa ideia não se sustenta, pois observador e observado fazem parte de um campo mútuo de influência. Duas subjetividades, organizadas diferentemente, se encontram para organizar o desencontro do outro em assimetria situacional. No campo e na perspectiva aristotélica (*Antropos Politikon Zoon*), a relação do encontro estabelecida implica a impossibilidade da chamada regra da Abstinência e/ou o mito da objetividade do analista, que supõe negar a intenção interpretativa em suas intervenções terapêuticas.

Conquanto a Abstinência possa ser considerada um recurso técnico bastante desejável, ela tem sido associada à regra da Neutralidade do analista. Quando colocada como imposição pelo terapeuta, a frustração dos desejos do analisando e as necessidades decorrentes não são experimentadas como neutralidade analítica pelos pacientes. Muitas vezes são vividas como hostilidade, frieza, imposição dogmática, enquadramento desnecessário. Por outro lado, apesar da contratransferência já ter sido explicitada há algumas décadas (HEIMANN, 1950) pelos teóricos das relações de objeto com fins terapêuticos para a dupla (Bion e Glover mantêm a hipótese freudiana da falha técnica), mais recentemente têm surgido trabalhos (SCHWABER, 1983; BACALL, 1996) que apontam a influência do terapeuta, no sentido de ocasionar enlances transferenciais provocados que podem ser investigados na análise transferencial – uma espécie de cotransferência. A questão de que a interpretação do analista seja isenta de intenção (sugestão) e, portanto, objetiva, também não é verdadeira, pois o analista interpreta conforme o seu modo, a sua maneira de pinçar o significante, os seus enquadres teóricos, os seus princípios organizadores de sua experiência empática. Não se pode fazer um carimbo para qualquer tipo de paciente, mesmo porque as análises de uma mesma pessoa são diferentes, específicas, guardam diferenças entre si, quando realizadas com analistas variados. Um analisando não passa duas vezes da mesma maneira no leito dos analistas.

2 Considerações Sobre as Qualificações dos Analistas

Muito já se escreveu sobre os elementos técnicos da prática analítica, sobre a contratransferência e seu papel normativo nas interpretações e no desempenho da função analítica. Quanto ao analista, tem-se uma idealização e várias teorias sobre essa idealização (suporte, continente, *self*-objeto, etc.). O que escapa dessa apreciação, quando ela não é bem resolvida, fica por conta da necessidade de supervisão, quando existem falhas, tropeços, situações não codificadas de comportamento no *setting*. Em nome dessa limpeza, da eficiência e dos possíveis danos aos pacientes, muitos trabalhos foram produzidos (GLOVER, 1955) com o viés de ciências exatas, da interpretação com o máximo de correção e cientificidade. A interpretação exata. Tal postura tem sido hoje questionada quando se toca na questão da *Falibilidade* e do *Autodesvelamento* do analista (ORANGE; ATWOOD; STOLOROW, 1997).

A admissão de que o analista possa falhar impede que se jogue a culpa nos pacientes e no desvio ou na falha em cumprir regras ou procedimentos estatuidos para situações de impasses, exigindo por parte do analista uma saída criativa. O que implica dizer que nem sempre se tem acesso total à realidade subjetiva dos analisandos. Quando se trabalha na perspectiva intersubjetiva, é possível admitir correções de impasses e desencontros com melhores resultados do que os daqueles analistas que mantêm uma atitude de indisputável sapiência. Como diz o velho ditado, “o dono da verdade é o *causa-mortis*”.

De outra forma, o *autodesvelamento* tem sido admitido porque é inevitável que o paciente não consiga captar estados emocionais do analista, suas preferências ou inferências extraídas do convívio duradouro e frequente do tempo das análises. Em geral, o paciente acerta em percepção e, em geral, muitos supervisores recomendam encobrir tais acertos ou escotomizá-los. Tais apreciações dos pacientes, expurgados os mecanismos defensivos, deveriam ser aceitas com naturalidade, mesmo porque há sempre um efeito residual em atitudes, gestos e falas que se transmitem via identificação em análises de longo prazo. Há, portanto, “restos transferenciais” inelutavelmente existentes e sem maiores consequências para a vida psíquica do analisando.

Também ligado à contratransferência, no sentido de interferir na função terapêutica (FREUD, 1910), o analista também concorre por suas necessidades *self*-objetais de esperar resultados de seu trabalho, tem expectativas quanto ao seu desempenho e ao progresso analítico de seus pacientes. De modo tradicional, procuram-se negar tais expectativas, pois segundo a recomendação de Freud sobre a “tela branca”, a atitude de ser somente espelho obscurece o fato de que tais expectativas acontecem, e o analista se frustra com as faltas dos pacientes, possui sentimentos irados quando não é entendido. Tais fatos afetam o narcisismo negativo dos analistas que têm dificuldade de aceitar que nem sempre se pode ser o que idealmente esperávamos de nós mesmos. Afinal, isso não chega a ser humilhação, implica, sim, humildade e sabedoria, que são virtudes.

3 Conclusões Sumárias

Este trabalho quer trazer à luz o fato de que estamos vivendo em um contexto diferente da prática analítica praticada nas décadas passadas. Propõe o estudo e a reavaliação de nossos procedimentos de forma resumida. Nos aspectos de novas teorias da mente, do manejo da prática analítica e dos agentes do processo analítico, deve-se procurar integrações possíveis, que sustentem o progresso e a aquisição de novos conhecimentos.

An Hystorical Overview on Psychoanalytical Practice from Freud to Present

Abstract: This work is about an overview on psychoanalytical practice considered under the existence of ideas that can be connected to some kinds of paradigms that were established from Freud to the present in the history of Psychoanalysis. The observations of several theories permit to link with a subjective system process as a “common ground” to the analytical practice. Some considerations are made on news aspects of clinical current practice today.

Keywords: History of Psychoanalysis. Intersubjectivity. Paradigm.

Revision Historica del Practica Analítica desde Freud hasta el Presente

Resumen: el autor hace una revision histórica de la práctica analítica que considera la existência de ideas conectadas a determinados

paradigmas que fueron establecidos desde Freud hasta nuestros dias pelo examem de la historicidad del movimiento psicoanalitico. La observación de las diversas teorias permiten vincular a um *processo de sistema subjetivo* como o “*natural terreno comum*” da practica analítica. Algunas consideraciones son hechas sobre nuevos aspectos clínicos de la práctica diária actual.

Palabras-clave: Historia del Psicoanálisis. Intersubjectividad. Paradigma.

Referências

- BACALL, H. **Basic Ideas Reconsidered** – progress in self psychology. London: The Analytic Press, 1996. v. 12.
- FREUD, S. (1910). The Future Prospects of Psychoanalysis Therapy. In: **The Complete Psychological Works of Sigmund Freud**. London: Hogarth Press, 1957. v. XI.
- GLOVER, E. **The Technique of Psychoanalysis**. Madison: International University Press, 1974.
- DEBORD, G. **The Society of the Spectacle**. New York: Zone book, 2006.
- HEIMANN, P. On Countertransference. **International Journal of Psychoanalysis**, v. 31, 81- 84, 1950.
- LASCH, C. **The Culture of Narcissism**. New York: Norton, 1978.
- ORANGE, D. M.; ATWOOD, G. E.; STOROLOW, R. D. **Working Intersubjectively**. London: Analytic Press, 1997.
- SCHWABER, E. Psychoanalytic Listening and Psychic Reality. **International Review of Psycho-Analysis**, v. 10, p. 379 – 392, 1983.
- STOLOROW, R. D.; ATWOOD, G. E. **The Myth of the Isolated Mind** – context of being. London: The Analytic Press, 1992.
- WALLERSTEIN, R. **One Psychoanalysis or many?** Conferência pronunciada no 35º Congresso Internacional de Psicanálise, Montreal, Canadá, julho de 1987.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA

Alexandre Kahtalian
Rua Jardim Botânico, 700/520 – Jardim Botânico
22461-000 Rio de Janeiro – RJ – Brasil
e-mail: aleka@globo.com